

ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS PARAMILITARES EM SANTA CRUZ DO SUL: ESPAÇOS DE LEGITIMAÇÃO SOCIAL E LAZER (1880 - 1900)

Recebido em: 31/10/2016

Aceito em: 10/08/2017

Alice Beatriz Assmann

Rafaela Bertoldi

Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre – RS – Brasil

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo investigar as relações sociais emergentes nas associações esportivas de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1880 e 1900. Foram analisadas referências bibliográficas e fontes impressas, escritas em idioma alemão. As fontes evidenciaram que o tiro ao alvo e a cavalaria eram as práticas esportivas propagadas nas associações de Santa Cruz do Sul. Nos eventos e festividades, dentre as atividades de entretenimento, também havia o exercício e o manejo das armas. Estas e outras práticas e representações culturais permitem identificar atributos paramilitares nas associações. Considera-se que nestas associações as práticas foram apropriadas como meio de sociabilidade, lazer e estratégia para situar e legitimar os indivíduos no espaço social.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. História. Esportes.

PARAMILITARY SPORT ASSOCIATIONS IN SANTA CRUZ DO SUL: SPACES OF SOCIAL LEGITIMACY AND LEISURE (1880-1900)

ABSTRACT: The present study aims to investigate the social relationships emerging in the sport association from Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, between the 1880s and 1900s. Bibliographic references and printed sources, written in German. The sources evidenced shooting and cavalry as the sports practices propagated in sport associations from Santa Cruz do Sul. During the events and festivities, among the entertaining activities, it also had the exercise and the handle of weapons. This and others practices and representations permit to identify paramilitary attributes in the associations. It is considered that in these associations the practices were appropriated as a means of sociability, leisure and strategy to locate and legitimate individuals in the social space.

KEYWORDS: Leisure Activities. History. Sports.

Introdução

As associações esportivas de Santa Cruz do Sul¹ eram espaços que, por meio de práticas culturais e esportivas, promoviam a convivência social. Nestes espaços sociais, organizavam-se diferentes eventos que oportunizavam momentos de sociabilidade e lazer. Segundo Kipper (1994), os clubes e sociedades ajudavam a criar um espírito de união na comunidade santa-cruzensense e eram uma das escassas oportunidades de contato social através de suas festividades, encontros e competições esportivas. Silva e Mazo (2015, p. 379) identificam “o associativismo como espaço social no qual o esporte é vivenciado na sua forma extrínseca e intrínseca”. Assim, além dos objetivos inerentes à atividade, o esporte pode ser compreendido como uma prática cultural utilizada como meio de sociabilidade e, também, como meio de se diferenciar etnicamente de outros grupos (SILVA; PEREIRA, MAZO, 2012).

Conforme Bourdieu (2003), o interesse por determinadas práticas esportivas e pela organização de determinadas associações está, em parte, coligado aos lucros de distinção que a prática ou o local proporcionam. Para além de espaços que promoviam a sociabilidade e o lazer dos sócios, as associações esportivas de Santa Cruz do Sul apresentavam discursos e representações de distinção social e identitária. A partir de modelos conhecidos, santa-cruzensenses fundaram associações voltadas a práticas esportivas, destacando-se, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, as sociedades de atiradores, as sociedades de cavalaria, e a Sociedade Ginástica.

¹ Santa Cruz do Sul foi a primeira Colônia Alemã pública do estado do Rio Grande do Sul, fundada em 1849. O município abarcava linhas, picadas e a povoação sede, onde foi instituída a cidade em 1905. Cabe salientar que a cidade era denominada Vila São João de Santa Cruz até 1944, quando foi estabelecido o nome atual, Santa Cruz do Sul (MARTIN, 1979; VOGT, 2006).

Por meio dessas associações esportivas fazia-se referência a um passado supostamente comum, atrelado à pátria mãe (ASSMANN; MAZO, 2017), cuja continuidade ocorria através da reprodução. Assim como afirmam Kipper (1967), Seyferth (1974) e Quitzau (2016), entidades voltadas a fins semelhantes existiam anteriormente nos estados alemães e foram apropriadas como exemplos para a criação de clubes teuto-brasileiros. Vogt (2001), todavia, ao tratar das sociedades santa-cruzenses atenta que a fundação dessas associações representou uma configuração cultural propriamente colonial e não simplesmente um deslocamento da cultura alemã. Ademais, as associações esportivas de Santa Cruz do Sul estabeleceram um conjunto de práticas socioculturais, dentre elas a prática esportiva, as quais eram reguladas por regras implícitas ou abertamente aceitas e objetivavam a transmissão de determinados valores e normas de comportamento.

O presente estudo tem por objetivo investigar as relações sociais emergentes nas associações esportivas de tiro ao alvo e cavalaria de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1880 e 1900. Os recortes espacial e temporal desta pesquisa justificam-se pela preponderância de tais associações em Santa Cruz do Sul no período delimitado. A década de 1880 destacou-se pela emergência de associações de tiro ao alvo e cavalaria na Colônia Alemã de Santa Cruz, totalizando nove sociedades de atiradores e quatro de cavalaria (ASSMANN, 2015). Até então, apenas duas entidades santa-cruzenses proporcionavam tais práticas. Em fins da década de 1900, a autora (2015) contabilizou um total de 32 sociedades de atiradores e 21 de cavalaria atuando na localidade de Santa Cruz do Sul. Até o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando muitas associações de tiro e cavalaria paralisaram ou encerraram suas atividades (RAMOS, 2000), foram fundadas mais 12 entidades para estes fins.

No que tange a outras práticas, ressalta-se que no período demarcado à investigação, havia sete associações esportivas para a prática do bolão, além de ter sido fundada a Sociedade Ginástica Santa Cruz em 1893. Importa citar que na década de 1900 novas práticas esportivas despontaram no cenário santa-cruzensense, porém não parecem ter angariado muitos adeptos, como as corridas de cavalo em cancha reta e o turfe (MARTIN, 1999). O futebol ascendeu, especialmente, no início da década de 1910, assim como a prática do tênis (MAZO *et al.*, 2012). Desta forma, pode-se inferir que, no período estudado, as associações de atiradores e cavaleiros eram espaços privilegiados de socialização e convívio na localidade de Santa Cruz do Sul.

Com o propósito de responder ao objetivo proposto foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações a respeito do fenômeno estudado. Para compor o *corpus documental* (BARROS, 2012) da pesquisa foram coletadas fontes impressas, como: periódicos – destacando-se reportagens coletadas no jornal *Kolonie* (1891-1941), de Santa Cruz do Sul – livros comemorativos, atas e estatutos de clubes. Após a fase de fichamento das informações, os documentos foram analisados e cotejados, seguindo as orientações de Luca (2010) e Bacellar (2010). Cabe salientar que todas as fontes citadas foram escritas integralmente no idioma alemão, sendo traduzidas para fins deste estudo.

Enquanto fonte privilegiada nesta pesquisa, traçamos algumas ponderações sobre o jornal *Kolonie*. Este periódico foi veiculado em Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1891 e 1941, pela iniciativa de um grupo de teuto-brasileiros. Segundo Weschenfelder (2010, p. 49), foi “o primeiro jornal editado em língua alemã no interior do Estado, a ser considerado um veículo forte, talvez até pelo fato de já na sua criação ter um grupo de idealizadores com condições e união em torno da causa do jornal”. Uma das finalidades

dos precursores era a divulgação de notícias da colônia, de localidades vizinhas e da Alemanha. Inclusive, o jornal publicava informações sobre as diferentes associações fundadas em Santa Cruz do Sul e comunidades vizinhas, dentre as quais se destacavam as voltadas para práticas esportivas.

As informações estão situadas em diferentes seções do jornal, tanto nas seções textuais, quanto na de anúncios, sem local específico. Importa ressaltar que para publicar no jornal era cobrada uma taxa de 100 Reis para um pequeno anúncio, conforme indicação no canto superior direito do jornal. Os relatos sobre eventos esportivos eram, geralmente, enviados ao jornal por correspondência. Destarte, eram notícias produzidas, provavelmente, pelos próprios dirigentes dos clubes esportivos, mas que nem sempre eram publicadas na íntegra.

Notícias de outros jornais do Rio Grande do Sul, após serem traduzidas para o idioma alemão, também eram veiculadas pelo jornal. O jornal foi editado em alemão gótico até 1941, quando fechou as portas em decorrência das sanções instituídas durante o Estado Novo (1937-1945) (VOGT, 2006).

Ressalta-se que, assim como os demais documentos que compõe o *corpus documental* deste estudo, o periódico não é apreendido como portador de verdades, mas como um instrumento que apresenta uma versão histórica do acontecido. Este instrumento, quando cruzado com as demais fontes desta pesquisa, se tornou um importante meio de compreensão de um tempo passado.

O procedimento de interpretação das fontes foi realizado tendo como referencial teórico constructos partilhados por historiadores culturais, a fim de compreender como os indivíduos e grupos de Santa Cruz do Sul davam sentido ao mundo por meio de representações construídas sobre a realidade (PESAVENTO, 2004). Segundo Barros

(2011, p.38), através das práticas e representações podemos analisar “os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural”. Cultura remete aos modos de vida e de pensamento, organizados enquanto um sistema de símbolos e representações carregadas de valores, que fazem sentido dentro do grupo social e orientam as relações entre os indivíduos e seus comportamentos (CUCHE, 1999).

Nos tópicos que seguem apresentamos os resultados e discussões da análise documental empreendida no estudo.

Práticas Esportivas Paramilitares: Atiradores e Cavaleiros

Em Santa Cruz do Sul duas práticas esportivas foram desenvolvidas em um significativo número de associações, especialmente a partir da década de 1880: o tiro ao alvo² e a cavalaria³. Estas entidades eram conhecidas por suas nomenclaturas no idioma alemão. As associações que promoviam a prática do tiro ao alvo eram chamadas de *Schützenvereine* (sociedades de atiradores) ou *Schiessklubs* (clubes de tiro), e as de cavalaria denominadas de *Reitervereine* (sociedades de cavaleiros), *Kavallerieverein* (sociedades de cavalaria), *Stechklubs* (clubes de lançeiros) ou *Ulanenverein* (sociedades de ulanos⁴).

² Esta prática esportiva era realizada com armamentos de fogo, como por exemplo, carabinas, cujo objetivo era acertar um alvo circular afastado a uma distância determinada. Martin (1999) apresenta distâncias de 125m e 165m. O centro do alvo correspondia a maior pontuação. O atirador posicionava-se, geralmente, em um estande de tiro.

³ Esta prática esportiva era realizada com o cavalo e consistia em acertar um alvo feito de coroa com uma lança (KIPPER, 1967).

⁴ Segundo VOGT (2001), o termo ulano, originário do vocábulo polonês *oghlan*, significa homem jovem. Ulanos eram soldados do Regimento de Cavalaria ligeira na Polônia no século XVI e, posteriormente, foram inseridos em outros exércitos da Europa, como na Prússia em 1807. Nos combates utilizavam lanças e sabres, contudo a partir de 1890 passaram a usar também pistolas. Após a I Guerra Mundial os exércitos de ulanos desapareceram segundo o autor (2001).

Tais associações eram constituídas de forma semelhante, tanto no que se refere à organização interna, quanto ao planejamento e à promoção de eventos. Na maioria das associações de tiro ao alvo e cavalaria fundadas no período estudado, os documentos eram integralmente escritos no idioma alemão. Esta evidência é atestada pelas atas encontradas no CEDOC UNISC, em estatutos de associações esportivas de tiro ao alvo, como o de Linha Santa Cruz⁵ e de Sinimbu⁶, e em Livros Caixa da sociedade Boa Esperança. Além disso, ambas se apropriavam de elementos associados a representações militares na sua conformação, pois buscavam em referenciais conhecidos estabelecer novos fins.

Segundo Seyferth (1974) a organização de sociedades de atiradores no Rio Grande do Sul está intimamente relacionada aos costumes “transplantados” da Alemanha. A importância das sociedades de tiro ao alvo nas colônias alemãs brasileiras, de acordo com a autora (1974), é comparável às Corporações de Atiradores na Alemanha Medieval. Estas corporações visavam treinar os homens no manejo das armas, além de cultivarem o sentimento pátrio, a camaradagem e a recreação. Apresentavam como objetivos a defesa contra os abusos dos senhores feudais e do poder real, além de proteção de suas cidades e comércio contra saqueadores e invasores. Em tempos de paz, os participantes destas corporações realizavam competições de tiro. Com o surgimento dos exércitos organizados e permanentes, as corporações perderam suas características guerreiras, conservando as festividades, conhecidas como *Schützenfest* (Festa dos Atiradores) (SEYFERTH, 1974).

⁵ Linha, também conhecida por picada, refere-se ao caminho aberto em meio à mata nativa utilizado para a demarcação dos lotes de uma colônia, ou seja, atribui-se o nome de linha ou picada às concentrações de lotes coloniais (SEYFERTH, 1996).

⁶ O território de Sinimbu era Distrito de Santa Cruz do Sul até o ano de 1992, quando ocorreu a emancipação e a instituição deste município no estado.

No que tange às associações de cavalaria, de acordo com o estudo de Kipper (1967), foram fundadas por imigrantes alemães referenciadas nos modelos das sociedades de cavalaria da Alemanha, todavia sem o caráter guerreiro, mas com finalidade esportiva. A aproximação com o meio militar foi também evidenciada nas associações de cavaleiros através da utilização das lanças, de uniformes, e estruturas semelhantes aos modelos alemães. Nas associações de cavalaria denominadas *Ulanenvereine* (Sociedades de Ulanos), por exemplo, os uniformes eram confeccionados tendo como molde a farda dos oficiais dos Regimentos de Ulanos da Alemanha. A organização dessas associações também se assemelhava com estruturas militares, sendo constituída por comandantes, oficiais e cavalarianos (KIPPER, 1967).

Quanto à estrutura administrativa, o estatuto da *Deutsch-brasilianischer Schützen club Sinimbu* (Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores Sinimbu), datado de 1913, revela que a diretoria era composta por presidente, vice-presidente, comandante, secretário, tesoureiro e um *Schiesswart* (STATUTEN..., 1913). Ao comandante atribuía-se a responsabilidade e o dever de dirigir o comando dos passeios e os exercícios. O tesoureiro fazia a contabilidade financeira, enquanto que o indivíduo denominado por *Schiesswart* era o responsável pela gerencia dos materiais relativos à prática do tiro ao alvo, assegurando plenas condições de uso. Nas associações de ulanos, a composição da diretoria diferenciava-se pela presença de um porta-bandeira e dois oficiais acompanhantes da bandeira (KIPPER, 1967).

Ainda, segundo o estatuto da associação de atiradores de Sinimbu, os associados eram classificados em três posições: sócios ativos, passivos e honorários. Os sócios ativos correspondiam aos indivíduos que pagavam normalmente as taxas exigidas pela associação, participando dos eventos, torneios e assembleias. Já o sócio passivo não

tinha voz nas assembleias, mas podia se fazer presente sem interferir nas decisões. Eram pessoas com idade acima de 50 anos ou que já eram sócios ativos de outra associação de tiro, possivelmente, sócios não pagantes (STATUTEN..., 1913). A categoria de sócios honorários era destinada aqueles que prestaram “excelentes” serviços para o clube ou para os atiradores. Os membros honorários não tinham obrigações para com a associação e podiam aproveitar de todos os direitos e honras da sociedade. Segundo publicações encontradas no jornal *Kolonie*, em outras associações de atiradores também havia as três formas de classificação de associados, entretanto podem existir tanto semelhanças quanto diferenças entre as características vinculadas a cada uma delas.

Segundo Silva, Pereira e Mazo (2012, p. 18) “os clubes esportivos eram reconhecidos enquanto espaços de socialização e lazer da elite, cuja finalidade era tornar visível o lastro econômico, social e político, além de suas ascendências culturais”. Por exemplo, a Sociedade de Atiradores de São Leopoldo, fundada na década de 1880, é apontada por Ramos (2000, p. 122) como entidade que “congregava um número expressivo de homens pertencentes à elite⁷ urbana da cidade, incluindo-se entre eles alemães e teuto-brasileiros”. Da mesma forma, Weber (2002) sugere que o Clube Ijuí de Atiradores, fundado em 1900, era um espaço social significativo na comunidade, especialmente para a elite local.

No *Kolonie*, são encontrados textos que indicam a construção de discursos voltados à distinção de determinados grupos. Na edição de 26 de setembro de 1891, seção “Santa Cruz”, em texto enviado por correspondência, provavelmente escrito por um admirador e/ou associado de uma sociedade de tiro, é registrado que Santa Cruz, no período, contava com um número total de 92 distintas sociedades e que essas, juntas,

⁷ Ramos (2000, p. 35-36) define como a elite de São Leopoldo “um grupo que desde a segunda metade do séc. XIX vem se distinguindo no âmbito político-econômico e social e, concomitantemente, ao senso do que há de melhor, de mais distinto e mais apto a servir de modelo a ser seguido numa sociedade”.

despendiam um valor de 23 contos de reis anualmente. Na sequência, o texto é concluído com a frase em idioma alemão: “*Eine tüchtige Leistung!*”, ou, na tradução para a língua portuguesa: “um ótimo desempenho!”. O montante que podia ser gasto pelas associações, valor que era despendido para divertimento, lazer e sociabilidade – indo além das necessidades básicas de sobrevivência – era referido como elemento de orgulho e satisfação, um meio apropriado para representar o grupo. Um discurso que aproxima o capital econômico ao lucro social e que aponta para um interesse por reconhecimento desta posição (KORRESPONDENZ, 26 set. 1891).

A cobrança de taxas e mensalidades era uma prática comum nas mais variadas formas de associativismo em Santa Cruz, dentre as quais as sociedades voltadas para as práticas do tiro e da cavalaria (STATISTIK, 19 set. 1891). O capital econômico era determinante para a participação em muitos clubes e sociedades, conforme é destacado em estatutos. Para o ingresso em determinadas associações, como a *Deutsch-brasilianischer Schützenclub Sinimbu* (Clube Teuto-brasileiro de Atiradores de Sinimbu), era necessário pagar uma taxa específica e, para manter-se sócio, era exigido um pagamento mensal (STATUTEN..., 1913). A partir da análise do montante anual arrecadado por cada entidade e o número de associados, apresentados em uma estatística⁸ disposta pelo jornal *Kolonie* (STATISTIK, 19 set. 1891), pode-se depreender que o valor de contribuição por sócio, mensalmente, aproximava-se de 0.5 mil réis no ano de 1891. Dentre os clubes listados, estava a Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores de Linha Santa Cruz, que em estatuto provavelmente editado na primeira

⁸ Cabe mencionar que foi encontrada apenas a segunda parte da estatística, que se estende do número 51 até o 91. As primeiras 50 associações listadas foram apresentadas pelo periódico anteriormente e tal página não está entre os exemplares encontrados.

década do século XX, apresentava como valor de mensalidade um mil réis e de jóia cinco mil réis (STATUTEN..., [1910]).

De tal modo, pode-se sugerir que com o passar dos anos os moradores foram adquirindo melhores condições financeiras e investindo mais nos clubes sociais. A relação entre as condições econômicas e o tempo livre com a participação em clubes e espaços de sociabilidade é destacada por Weber (2002). Nessa relação à necessidade do trabalho e extenuantes horas de serviço aparecem como incongruências à sociabilidade e a participação em clubes como um benefício destinado aos indivíduos com recursos financeiros adequados.

Associações esportivas de atiradores e cavalaria buscavam, também, a distinção do grupo exibindo-se uniformizados e organizados, semelhantes aos modelos militares, condição que também exigia desembolsos. Na mesma notícia do jornal apresentada anteriormente, de 26 de setembro de 1891, era exaltado o expressivo número de *Schützenvereine* (sociedades de atiradores), totalizando 11, bem como, de associados dessas instituições, presentes em Santa Cruz do Sul. Contabilizando essas associações juntamente com as três *Reitervereine* (sociedades de cavaleiros) dispostas na estatística apresentada anteriormente no jornal (STATISTIK, 19 set. 1891), o texto declarava: “*Das ist ein kleines Heer*”, ou na tradução: “isto é um pequeno exército” (KORRESPONDENZ, 26 set. 1891). Nesta frase, o texto aproxima as associações esportivas de tiro ao alvo e cavaleiros de representações militares, no sentido de enaltecer a prática e seus praticantes.

A semelhança com estruturas paramilitares é também evidenciada em outros textos do jornal. Como exemplo cita-se um relato sobre uma festividade na associação de cavalaria de ulanos, no qual encontramos referência a um “espetáculo militar”

ocorrido no acampamento dos associados (UNSERE ULANEN, 10 jan. 1891). Tais evidências se aproximam da relação proposta por Bourdieu (2003) quando infere que a prática de diferentes esportes vai depender, de acordo com o esporte, do capital econômico e do capital cultural, bem como do tempo livre. Segundo o autor, são estabelecidas relações “entre as disposições éticas e estéticas associadas a uma posição determinada no espaço social e os ganhos que, em função dessas disposições, parecem prometidos pelos diferentes desportos” (BOURDIEU, 2003, p. 199). O número de sociedades, os valores gastos pelos associados, o caráter militar atribuído à prática e afamado pelas publicações, são representações construídas e apropriadas pelo grupo enquanto um diferencial a ser interiorizado e exteriorizado. Deste modo, a vinculação a determinadas práticas esportivas e culturais era também um meio de se distinguir perante os outros e posicionar-se no espaço social.

Nas associações esportivas de tiro ao alvo e cavalaria a seleção dos associados era realizada através de um sistema chamado *Ballotage* (STATUTEN..., 1913). Neste sistema a entrada do novo sócio estava condicionada a uma votação, que era realizada da seguinte maneira: quem era a favor, depositava em uma “caixinha” uma bola branca, quem era contra, depositava uma bola preta. Após a coleta do voto de todos os associados, as bolas eram contadas. O maior número de bolas brancas significava a aprovação do novo sócio, de bolas pretas, o veto. Esse sistema possibilitava que os associados selecionassem os indivíduos que deveriam ser incluídos e excluídos da instituição.

Segundo Kipper (1967, p. 23), no estatuto do *Deutsch brasilianischer Cavallarie Stechklub* (Clube de Lanceiros da Cavalaria Teuto-brasileira) de Ponte Rio Pardinho, fundado em 1899, para além de “exercitar-se no cavalgar e com a lança acertar o alvo”,

a associação assume como finalidades a “sã recreação social, conservação das boas maneiras e dos bons costumes”. Da mesma forma, no estatuto do Clube de Atiradores de Sinimbu, o “objetivo do clube é o exercício com carabinas e tiro ao alvo, bem como oferecer outros divertimentos aos associados, que correspondem aos bons costumes” (STATUTEN..., 1913, p. 1). Enquanto as normas da associação de Linha Santa Cruz firmavam que “o exercício do tiro deve ser realizado através de bom comportamento” (STATUTEN..., [1910], p. 1). Para ser aceito em uma associação de ulanos, segundo Kipper (1967), o indivíduo precisava ser conhecido como “pessoa de bem”, ter no mínimo 18 anos e desfrutar de certa condição econômica que possibilitasse a aquisição e manutenção de um uniforme, uma lança e um cavalo. A relação da prática e da associação como espaço de manutenção “dos bons costumes” e “boas maneiras” remete a uma regra implícita, que subentende a transmissão de determinados valores e normas de comportamento, bem como, remete a uma organização delimitada a determinados indivíduos, distintos e portadores de uma conduta e um capital social e econômico que o próprio grupo julgava como adequado.

Tal sentido é ainda reforçado quando observamos um trecho do relato sobre a *Columbusfest* (Festa de Colombo) de 1892 (DAS COLUMBUSFEST, 15 out. 1892). No evento em comemoração ao descobrimento da América, participaram 15 sociedades, dentre as quais somente uma associação de ulanos é citada, e “os *Schwarzen*” que “foram admitidos pela comissão para participarem da festa”. A representação *Schwarzen* pode referir-se a pessoas afrodescendentes, tendo em vista a tradução do alemão para o português, ou a pessoas provenientes de um município da Alemanha com este nome. No entanto, independente do significado específico desta palavra, este grupo não pertencia ao mesmo espaço social dos demais. Provavelmente, são pessoas com um

capital econômico inferior. Ao admitir a presença deste grupo na festividade, a comissão da *Columbusfest* também estabelece uma relação de poder, de dominante sobre o dominado. A publicação relata, ainda, que “os *Schwarzen* se mantiveram em primorosa ordem” e “apareceram pontualmente”. A manifestação de tais observações, o estranhamento do “bom comportamento” deste grupo em específico, expressa, de forma velada, a expectativa pelo “mau comportamento”.

Entre as associações esportivas de tiro ao alvo e cavalaria também existiam diferenciações. As sociedades de ulanos se distinguiram das demais associações de cavalaria por aspectos “externos”, ou seja, pelo uso de uniformes “mais vistosos e caros” e capacetes, semelhantes à Cavalaria Alemã, ostentados nos desfiles e festas (KIPPER, 1967, p. 25). O uniforme era composto por uma túnica preta ou azul marinho e calças brancas, o colorido era aplicado às mangas, peito e gola, na cor vermelha. A distinção hierárquica era aparente nas dragonas aplicadas aos ombros da túnica, que variavam a cor de acordo com a graduação dos associados (KIPPER, 1967; KREBS, 1951). Além das dragonas, outra particularidade era observada nos uniformes dos ulanos, o uso de capacetes “de couro prêto brilhante, de pala curta, e que tinha no centro, mais alto, um pequeno retângulo de couro. Ao lado e acima do retângulo que ficava no centro era prêso um panacho de crina de cavalo branco” (KIPPER, 1967, p. 31).

A diferenciação entre as associações de ulanos era evidenciada por meio dos distintivos presos ao capacete de cada sociedade. No caso do *Ulanenklub* Santa Cruz o símbolo era uma rosácea pintada e na *Ulanenverein* de Ferraz uma estrela de metal (KIPPER, 1967). Os distintos e vistosos uniformes representavam esses grupos, os destacavam entre os demais cavaleiros e os reconhecia socialmente como ulanos. Para

adquirir tão requintado traje, assim como o próprio cavalo, era necessária uma estável condição econômica. Desta forma, o uniforme era apropriado como um bem simbólico capaz de comunicar e estabelecer distinções econômicas e sociais.

Os uniformes, os cavalos e a lança eram itens pessoais e obrigatórios (KIPPER, 1967). Apesar de também utilizarem uniformes, nas sociedades de lanceiros as vestimentas eram mais simples, com poucos adereços. Por exemplo, no lugar do capacete adornado encontrava-se um chapéu de feltro. Algumas associações utilizavam uniforme “igual ao das sociedades de atiradores, o qual geralmente era túnica cinza com gola e punhos verdes, porque assim seus membros podiam usar o mesmo uniforme nas duas outras sociedades” (KIPPER, 1967, p. 46). A respeito das diferenças acima mencionadas entre as associações, os artefatos culturais atuavam como marcadores sociais entre elas.

Outra prática cultural que se constitui em uma forma de se localizar socialmente e ser localizado, diz respeito à organização de desfiles no início e final dos eventos das associações esportivas. “A demonstração [nas sociedades de atiradores] é um elemento que permanece constante entre associações, pois dessa maneira os colonos encontravam reconhecimento social” (RADÜNZ, 2001, p. 158). Os desfiles eram práticas comuns das associações esportivas de tiro ao alvo e cavaleiros e faziam parte de uma tradição militar, onde o comandante era responsável pelo correto ordenamento e execução da atividade. Tal circunstância é corroborada em estatutos e publicações do *Kolonie*. O desfile era, por vezes, referido enquanto uma marcha militar, inclusive com a utilização de palavras como “*Eskadron*” (esquadrão) nos seus comandos, além de aludir ao “bonito uniforme”, ao “imponente desfile” e à presença da bandeira à frente do cortejo (RIOPARDINHO, 06 jun. 1894).

Do mesmo modo que as associações de ulanos se distinguiam das demais associações de cavalaria, as sociedades de atiradores (*Schützenverein*) se distinguiam dos clubes de tiro (*Schiessklubs*). Nas sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul era obrigatória a utilização de uniforme⁹ em festividades, torneios e desfiles, conforme atestam Assmann e Mazo (2012). Isto é reiterado por estatutos que normatizavam a apresentação compulsória em uniforme aos sócios ativos em qualquer atividade da associação (STATUTEN..., 1913; STATUTEN..., [1910]). Já os *Schiessklubs* dispensavam o uso de uniformes, bem como, as cerimônias associadas a tal traje conforme citado anteriormente. Estes indícios reforçam o valor atribuído ao uso de um recurso que atua, ao mesmo tempo, legitimando o pertencimento a um determinado grupo social e o distinguindo de outros.

Ainda, nos *Schiessklubs* (clubes de tiro), segundo afirmações encontradas no Livro Comemorativo do Centenário de Rio Pardo (1952), ao invés das armas com cartuchos, manejava-se uma arma designada por *salon* (salão) que atira com *balins*. Desse modo, a prática do tiro ficava mais econômica, podendo aludir a sociedades de menor porte financeiro (CENTENÁRIO..., 1952). Todavia, ressalta-se que foram encontradas evidências sobre a cobrança de mensalidades também nestes clubes (STATISTIK..., 19 set. 1891). E, assim como em outras associações recreativas e esportivas, também eram promovidos bailes para a comunidade (DEUTSCHER..., 1 jan. 1912).

Vogt (2001, p. 13) assinala que os *Stechvereine* (sociedades de lanceiros) eram os “primos-pobres dos ulanos”. As sociedades de lanceiros e os clubes de tiro não apresentavam as condições sociais que possibilitassem a apropriação dos “produtos

⁹ Um chapéu específico de atirador (*Schützenhut*) poderia custar cinco mil réis (SCHÜTZENHÜTE..., 5 nov. 1892)

esportivos” (BOURDIEU, 2003, p. 182) necessários para a participação nas associações de ulanos e atiradores. Os *Stechklubs* e *Schiessklubs* começaram a despontar no cenário santa-cruzense mais tarde em relação aos outros clubes citados. A fundação destas associações também pode estar relacionada ao desejo de ascender socialmente, buscando reconhecimento através da prática esportiva e das configurações ligadas a ela. Destarte, as associações esportivas poderiam ser apropriadas enquanto espaços legitimadores de *status*. Para Kipper (1967, p. 40) as sociedades de lanceiros representavam “o primo que gostaria de poder equipar-se em esplendor e brilho a seu parente rico, mas que precisa adaptar-se e enquadrar-se dentro de suas possibilidades [...]”.

Nas palavras de Bourdieu (2003, p. 197), deve-se interrogar “sobre as variações do significado e da função social que as diferentes classes sociais concedem aos diferentes desportos”. No início do século XX, uma publicação a respeito de uma festividade da *Stechklub* na localidade de Holzpick, pode ser um indício desta apropriação: “porque agora quase todas as picadas [localidades] irão relatar sobre festividades nas sociedades, quase parece que nós moradores de Holzpick ainda não tínhamos uma sociedade para oferecer. Isso não é bem assim [...]” (HOLZPICK, 11 out. 1905). Estabelecer e divulgar uma associação esportiva na referida comunidade também pode estar relacionado, de forma consciente ou inconsciente, às representações de distinção social, associadas a estas instituições e a sua prática. No jornal *Kolonie*, são encontrados textos que apontam para a construção de discursos voltados à distinção de determinados grupos, a partir de singularidades do espaço social daquele grupo.

Weber e Bosembecker (2010), em seu estudo sobre São Lourenço do Sul (RS), abordam classificações socioculturais, relacionadas às condições econômicas, que

distinguiam pomeranos e alemães estabelecidos na região. Em Santa Cruz do Sul, possivelmente, sujeitos que não eram acolhidos nas *Schützenvereine*, pois não se adequavam as normas que delimitavam a inclusão de sócios, fundaram associações esportivas com as mesmas finalidades, porém com conformações que exigiam menor poder aquisitivo. É provável que, estes fatores estavam relacionados às identidades étnicas em negociação no município, podendo estar ainda associados às diferentes regiões de onde emigraram estes sujeitos¹⁰.

Para além de espaços com representações paramilitares e que poderiam estabelecer relações sociais de distinção, as associações esportivas voltadas para as práticas de tiro ao alvo e da cavalaria foram importantes espaços de socialização e interação coletiva, especialmente no período desse estudo. Nas referências bibliográficas e documentais utilizadas nesta pesquisa, encontramos evidências que respaldam as afirmações apontadas quanto à expressão das associações esportivas na vida social de santa-cruzesenses. No tópico que segue abordamos as práticas culturais disseminadas, principalmente no cenário esportivo.

Espaços Sociais e Eventos Esportivos: O Lazer no Tempo Livre

Os torneios e festividades promovidos pelas sociedades de atiradores e cavaleiros de Santa Cruz do Sul concentravam parte significativa da vida cultural e recreativa dos imigrantes e descendentes, embora a finalidade existencial fosse a prática esportiva. Nas comunidades de imigrantes, segundo o livro comemorativo ao Centenário de Rio Pardinho (1952, p. 229), o esporte do tiro ao alvo “exercia uma atração toda especial sobre aqueles modestos, mas bem dispostos agricultores, que

¹⁰ Em Santa Cruz do Sul os imigrantes procediam de diferentes regiões, como da Renânia, da Pomerânia, da Prússia Ocidental e Oriental, da Silésia, de Westfália, de Brandenburgo (VOGT, 2001).

procuravam nas entidades desportivas o passatempo e uma oportunidade para habilitar-se nas práticas esportivas”.

Em seu estudo, Weber (2002) evidenciou que o tempo disponível para divertimentos estava condicionado ao tempo de trabalho. Enquanto que a jornada de trabalho estava condicionada ao poder econômico dos sujeitos (WEBER, 2002). Segundo Radünz, (2001, p. 157) os colonos de Santa Cruz, através das associações “encontravam, no *interregno* do trabalho, a possibilidade de se habilitarem numa atividade esportiva ou cultural de reconhecimento social dentro dessas microsociedades”. As práticas esportivas e os eventos associativos eram uma forma de distração no tempo livre. E, as associações eram locais para passar o tempo em coletivo.

Além da prática esportiva propriamente dita – o exercício do tiro ao alvo e da cavalaria – as associações de atiradores e cavaleiros de Santa Cruz do Sul promoviam eventos institucionais, como as assembleias deliberativas, além de encontros festivos e campeonatos. Dentre os eventos, se destacam os torneios de pontaria com distribuição de prêmios ao final, chamados de *Preisschiessen* (torneio de tiro) e *Preisstechen* (torneio de lança); também as *Stiftungfeste* ou festas de comemoração ao aniversário da associação; os *Fahnenweihe*, festividades em consagração à bandeira da entidade; e as festas do Rei (*Königsfest*), onde eram condecorados o Rei e os Cavaleiros da associação (ASSMANN; MAZO, 2012; KIPPER, 1967). Os clubes de tiro – *Schiessklubs* – no entanto, não realizavam tais comemorações, com exceção de quatro torneios de tiro por ano (CENTENÁRIO..., 1952).

Para a compra dos prêmios e manutenção das associações eram utilizados os valores arrecadados nas mensalidades dos associados. O pagamento em dia era, aliás, condição para participar dos eventos. Segundo o estatuto da sociedade de atiradores de

Sinimbu, a cada ano eram escolhidos seis membros para compor a comissão responsável pelas festividades da associação. Cada sócio solteiro tinha permissão para levar uma acompanhante, enquanto o homem casado poderia levar a família, com exceção dos filhos homens com mais de 20 anos (STATUTEN..., 1913). Esta era, possivelmente, uma estratégia para aumentar o número de membros associados à instituição. Nos torneios de tiro (*Preisschiessen*), era permitida a participação de sócios passivos; todavia, no torneio que definiria o Rei da Sociedade, participavam apenas sócios ativos (STATUTEN..., 1913).

A festa do Rei (*Königsfest*) era realizada geralmente em um domingo, quando aconteciam as provas de tiro que consagrariam o associado com maior pontuação, o Rei e os dois seguintes na classificação eram escolhidos Cavalheiros. À noite, após o torneio, dava-se início à festa com música, dança e cerveja (MÜLLER, 1978). Durante o baile, o Rei recebia uma faixa, geralmente de couro com placas de prata e a data da competição alusiva ao ano, tendo em vista que a festa do Rei era anual (LIMA, 2001).

Os torneios de tiro ou lançaria, conhecidos como *Preisschiessen* e *Preisstechen*, ocorriam a cada dois meses e, também, geralmente aos domingos. Nos torneios os participantes concorriam a diversos prêmios de acordo com a pontuação alcançada: quanto melhor a pontuação, melhor seria o prêmio. Algumas vezes, eram convidados sócios de associações coirmãs. Em certos eventos, como na apresentação ou consagração da bandeira, a sociedade promotora do festejo poderia ser presenteada com um quadro comemorativo pelas demais sociedades convidadas (ASSMANN, 2015; KIPPER, 1967). Além disso, eram realizados torneios pontuais a fim de celebrar acontecimentos extraordinários como, por exemplo, a inauguração de um novo estande de tiro. Tais torneios poderiam ser de cunho privado ou aberto aos atiradores de

sociedades coirmãs. Os participantes concorreriam a prêmios de acordo com a pontuação alcançada (ASSMANN; MAZO, 2012).

Em correspondência publicada no jornal *Kolonie* a respeito de uma festividade na Sociedade de Atiradores de Dona Josepha encontra-se como lema da associação a seguinte expressão: “*Tages Arbeit, Abends Gäste! Saure Woche, frohe Feste!*”, ou seja, na tradução “De dia o trabalho, à noite os convidados! Difícil semana, alegres festas!” (KORRESPONDENZ, 23 maio 1891). Este lema busca expressar o tempo destinado às festas e à participação em associações como um momento de alegria e de divertimento. Um passatempo prazeroso que se opõe ao tempo consumido para atividades que exigem um controle maior da excitação e impõe maiores restrições, como o trabalho. Pode ser compreendido como um momento de lazer associado a uma função catártica, que possibilita a expressão de sensações não experimentadas na vida “difícil”, mas ainda compatíveis ao equilíbrio social estabelecido (ELIAS; DUNNING, 1992). Pondera-se que esta forma de lazer se insere na vida séria, com um tempo/espço organizado e regulamentado, mas que é sentido e experimentado com uma tonalidade diferente. Logo, não compreendemos o lazer como oposição às obrigações com o trabalho, entendimento que uma leitura apressada do referido lema poderia sugerir, mas como uma dimensão complexa que se insere no modo de vida de um grupo de uma forma determinada, não única, mas singular para as pessoas que o escolhiam e a ele atribuíam significados.

Este ponto de vista é observado em outras passagens do jornal. Em 1891 foi publicado um conto sobre uma briga de casal, supostamente presenciada pelo narrador. O conflito entre os dois jovens estava relacionado à vida social nas associações de tiro e cavalaria. Uma moça argumentava contrariada com o namorado, que não a deixava ir

aos bailes realizados pelas sociedades de ulanos e de atiradores. “Onde eu devo ir dançar então?”, questiona a moça. Ele responde: “Ainda existem suficientes bailes para você”. A noiva retruca: “Bailes suficientes?” A resposta apresenta informações do levantamento feito pelo Jornal *Kolonie* que reconheceu a existência de: “91 diferentes associações em Santa Cruz – se cada uma dessas tivesse quatro bailes por ano, então funcionava; mas as muitas comunidades escolares e religiosas, que como associações se comportam, não dão nenhum baile” (BERICHTERSTATTER, 05 dez. 1891).

No conto narrado acima as associações esportivas, especialmente de atiradores e ulanos, são revestidas de uma representação que ultrapassa a prática propriamente dita e os envolvidos ativamente nas entidades. Enfatiza a importância dessas instituições na vida social dos santa-cruzeses, ocupando um espaço privilegiado e singular na comunidade. A citação quanto ao número de associações enfatiza um dado que parece ser motivo de orgulho. Tais espaços oportunizam o contato social, o divertimento e o entretenimento não só dos homens, visto que até aquele momento as competições eram exclusivas para eles, mas também das mulheres. Contudo, após o protesto da moça, o noivo atenta para os gastos que um baile por semana demandava, demonstrando que estas festividades eram realizadas com certa frequência. Importa ressaltar o significativo número de entidades de tiro ao alvo e cavalaria em Santa Cruz, apesar de algumas estarem localizadas em extensas distâncias umas das outras. A preocupação do noivo pode indicar, também, certo rendimento financeiro por parte dessas associações com a promoção de eventos, como os bailes.

A participação de indivíduos não sócios nas festividades era controlada pelas associações. No caso da sociedade de Sinimbu, o estatuto estabelecia que indivíduos residentes fora do limite da sociedade – o mesmo estabelece suas fronteiras territoriais –

poderiam participar das festividades desde que com o consentimento da direção (STATUTEN..., 1913). Além disso, como forma de “reconhecimento”, tais convidados deveriam utilizar um laço decorativo, provavelmente junto a sua vestimenta, definindo assim quem é “de fora” da comunidade.

Nas sociedades de cavalaria, as festividades também mobilizavam os moradores da picada ou linha promotora e as entidades convidadas. Os eventos, para além de promover a prática esportiva, eram momentos festivos e que só se encerravam com um baile, onde a bebida era garantida. Algumas vezes, terminavam “*mit dem hellen Morgen*” (com o clarear da manhã) (RIOPARDINHO, 23 ago. 1893).

As festividades de fundação ou aniversário das associações de atiradores, chamadas de *Stiftungsfest* (festa de jubileu), poderiam durar de um a três dias e aconteciam uma vez no ano (DEUTSCHER..., 09 jun. 1900). Em parágrafo publicado em agosto de 1892 no jornal *Kolonie*, sobre a quinta *Stiftungsfest* (festa de jubileu) da *Deutsche Schützenverein Sinimbu* (Sociedade Alemã de Atiradores de Sinimbu), o correspondente agrega a tal festividade a competência de alterar a situação monótona e parada da vida no campo (SINIMBU, 27 ago. 1892). Tal afirmação corrobora as concepções apresentadas por Elias e Dunning (1992), quando inferem que os momentos de lazer não buscam atenuar tensões, mas, sim, oportunizar um tipo específico de tensão-excitação a fim de gerar uma satisfação agradável, proporcionando prazer. Desta forma, as festividades proporcionadas pela associação, que tem como elemento fundamental os torneios de tiro ao alvo, podem ser observadas enquanto atividades de lazer que “proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137).

Todavia, nos estatutos de associações esportivas de atiradores e cavaleiros citados anteriormente, determinava-se que os “divertimentos” deveriam corresponder “aos bons costumes” e a “sã recreação”, revestindo as práticas do tiro e da cavalaria de um comportamento socialmente aprovado, resultado de um processo de sensibilização e controle da violência (ELIAS; DUNNING, 1992). Em estatuto, a sociedade de Sinimbu proibia que os associados levassem suas armas às assembleias deliberativas e aos bailes da associação (STATUTEN..., 1913). Na associação de Linha Santa Cruz, quem cometesse qualquer disparate com outro associado durante uma atividade associativa seria expulso da entidade (STATUTEN..., [1910]). Cabe pensar que em um modelo onde todos dispõem de armamentos de guerra, a intolerância à violência seja um instrumento necessário à manutenção do grupo e à experimentação de “um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem social” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112).

Nesta direção, nas associações de ulanos, eram apropriadas práticas singulares que nos permitem ponderar sobre processos de controle internalizados, como o *Ataque Reiten*. Nesta prática, os cavaleiros simulavam uma justa medieval, onde dois homens em seus cavalos “partiam um ao encontro do outro segurando suas lanças horizontalmente, em posição de ataque, porém na hora que deveria se dar o encontro, erguiam-nas rapidamente à posição vertical, deixando o opositor ileso” (KIPPER, 1967, p. 33). Além desta, os ulanos realizavam Bivaques, acampamentos ao ar livre onde ocorriam vivências relacionadas as práticas de defesa, como de vigilância a partir de furtos simulados (KIPPER, 1967).

Até o início da década de 1890, o número de associações esportivas de tiro ao alvo e lançaria aumentou significativamente quando comparado com as décadas

anteriores. A atividade expressiva das sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul é evidenciada na escolha da localidade como a sede do segundo *Deutsch-Bundesschiessen* (Torneio da Federação Alemã de Tiro), em 1889. Sobre tal evento encontramos uma moeda comemorativa e informações citadas em uma notícia sobre o evento do ano de 1892, no jornal *Kolonie*. Cita-se o torneio realizado em Santa Cruz do Sul, três anos antes, como uma “agradável lembrança junto a todos os participantes” (VOM 6. BIS....., 13 ago. 1892).

Conforme a publicação, em 1892, o terceiro *Bundesschiessen* ocorreria em Santa Maria no mês de novembro. Entretanto, uma moeda comemorativa alusiva ao terceiro Torneio de Tiro Alemão do Rio Grande do Sul, refere-se a São Leopoldo e traz inscrito o ano de 1895. Ainda, conforme convite da quinta edição do evento, o Torneio ocorreu em 1901, no mês de março, em Porto Alegre. Portanto, é possível que o evento de Santa Maria não tenha ocorrido devido aos conflitos que antecederam a Revolução Federalista (1893-1895). Este foi um conflito entre aqueles que eram a favor do novo regime político implantado com a Proclamação da República (1889) e os que eram contrários a este novo cenário. A Revolução Federalista, que perdurou entre os anos de 1893 e 1895 no Rio Grande do Sul, desencadeou uma revolta armada que atingiu, também, os estados de Santa Catarina e Paraná.

Em Santa Cruz do Sul, este conflito, parece ter afetado a vida social da comunidade. Assim consta na poesia publicada em alemão no jornal *Kolonie*, em 1893 (O SANTA CRUZER..., 22 nov. 1893). O poema, provavelmente, refere-se ao conflito da Revolução Federalista, apontada como intimidador econômico, que aparece na figura de um vendedor que “boceja e fala quase desesperado: Onde estão os meus clientes?”; e intimidador social quando cita que repousa sobre a comunidade “uma seriedade

silenciosa” ou que todos devem ficar na sombra, pois “lá está cheio de soldados”. Também diferencia especificamente as associações esportivas de atiradores e de ulanos como espaços catalisadores do convívio e do entretenimento social no período, locais para “aproveitar o prazer da vida”. O poema parece transparecer medo e aflição com a situação, capaz de acabar com a alegria e a tranquilidade dos santa-cruzesenses, como evidenciado no mesmo. A monotonia é associada ao silêncio e ao vazio, podendo aludir a uma *secura* de emoções que é lamentada. Percebe-se, assim como no lamento da noiva, novamente o papel das associações esportivas como promotoras de uma tensão-excitação prazerosa, que envolvem um momento de lazer na comunidade.

Quanto ao envolvimento das sociedades de atiradores e cavaleiros em grupos de defesa do município, encontramos um convite, anunciado no jornal *Kolonie*, para o alistamento dos membros destas entidades nos corpos de voluntários organizados pela Junta Municipal, mesmo antes da deflagração do conflito armado (EDITAL, 22 nov. 1891). Contudo, não foram localizados indícios que permitam inferir se o convite foi aceito e se os atiradores e cavaleiros, que participavam das associações de cunho esportivo, tomaram parte ativa no conflito. No entanto, um dos fatores relacionados à Revolução que parece ter limitado as atividades das associações de tiro foi o recolhimento de armas e munições do comércio de Santa Cruz em 1893 (AVISO, 18 nov. 1893). Porém, segundo comunicado de João Leite da Cunha, intendente do município, não seria recolhido o armamento usado para a defesa dos colonos nas picadas. O intendente também aconselhava “a máxima prudência no momento difícil que atravessamos” (AVISO, 18 nov. 1893).

Depois de, aproximadamente, um ano da declaração do intendente, no dia 12 de janeiro de 1895, foi publicado um texto celebrando a volta de Jacob Stumm à Villa

Thereza, que estava preso em Porto Alegre devido à compra não autorizada de armamento (VILLA THEREZA, 12 jan. 1895). Segundo a publicação, Stumm receberia uma recepção de boas vindas pela *Schützenverein Dona Josepha*, na linha de mesmo nome, em Villa Thereza. Desta forma, é possível sugerir que Jacob Stumm, uma pessoa bem vista aos olhos de seus companheiros, era membro da referida associação e que, talvez, tenha efetuado a compra para sua prática na associação. Entretanto, segundo Dummer *et. al.*, (2009), a liberdade de Stumm durou apenas alguns dias, pois no dia 19 do mesmo mês, um bando de federalistas armados assaltou a região de Santa Cruz do Sul, inclusive Villa Thereza, “causando graves prejuízos ao comércio, vitimando o cidadão Carlos Faller, fuzilam o comerciante Willy Giesler e aprisionam o curtidor Jacob Stumm” (DUMMER *et. al.*, 2009, p. 49).

Outra publicação do jornal *Kolonie* que demonstra a interferência da Revolução Federalista nas atividades das associações de atiradores é datada do dia 14 de abril de 1894. Na notícia é informado que, após longo período de pausa, a *Deutsche Schützenverein* local (Sinimbu) entrava novamente em ação e festejaria o seu *Königschiessen*. A pausa nas atividades da associação é atribuída à “política desastrada e incompetente”, que “por especulações de falsos rumores, além de amedrontar e assustar o povo, também tinha por objetivo levar os cidadãos para o turbilhão revolucionário” (SINIMBU, 14 abri. 1894). Após um tempo, em 12 de fevereiro de 1896, o *Ulanen-Klub-Santa Cruz* também publicou uma nota na qual anunciava que a vida da sociedade seria novamente animada (ULANEN-KLUB..., 12 fev. 1896). Este anúncio, associado às demais evidências, permite inferir que a associação enfrentou problemas na manutenção de suas atividades durante o conflito que perdurou nos anos anteriores.

A vida social nas associações esportivas nos primeiros anos da década de 1890 experimentou momentos de forte tensão. Após esse período, entretanto, as sociedades de tiro ao alvo e cavalaria, parecem ter retomado suas atividades, ascendendo novamente como espaços de socialização, inclusive com a fundação de novas entidades para esses fins. A dimensão dos eventos promovidos pelas associações de atiradores e o interesse em agrupar-se a fim de regular e assegurar a vida associativa, provavelmente, contribuiu para a fundação de uma Federação dos Atiradores Santa-Cruzeses, por proposta da Sociedade Alemã de Atiradores Santa Cruz, em 1899 (SCHÜTZENBUND..., 22 nov. 1899).

A fim de erigir a nova entidade foi realizada uma assembleia com representantes de sociedades de tiro ao alvo do município de Santa Cruz do Sul. De acordo com o anúncio publicado no jornal *Kolonie*, cada associação poderia enviar um representante para cada 50 associados. No total participaram da referida assembleia 14 associações. Dentre elas as sociedades de atiradores de Santa Cruz, Rio Pardo, Rincão del Rei, Montalverne, Picada Santa Cruz, Vila Thereza, Riothal; e os clubes de tiro Pikada Allemã, Rio Pardinho, Couto e Linha Nova. As associações Santa Cruz, Picada Santa Cruz e Rio Pardinho contavam com dois representantes, o que as revela como as sociedades com maior número de sócios.

Nesse cenário, contabilizou-se o montante mínimo de 700 atiradores associados a entidades voltadas para a prática esportiva do tiro ao alvo no município. Este número representa uma parcela significativa da sociedade santa-cruzeense. Menezes (2005), a partir de dados extraídos pela Intendência Municipal de Santa Cruz do Sul, de 31 de dezembro de 1900, contabilizou 23.122 habitantes no município de Santa Cruz, dentre os quais 11.931 eram homens e 4.568 eram maiores de 21 anos. Como até finais do

século XIX as associações de atiradores aceitavam somente homens a partir dos 16 ou 18 anos como sócios, podemos calcular que mais de 15% dos homens com mais de 21 anos que moravam em Santa Cruz do Sul eram associados à *Schützenbund Santa Cruz* (Federação de Tiro de Santa Cruz). Cabe salientar que neste período, a localidade apresentava aproximadamente 16 *Schützenvereine* e três *Schiessklubs*. Isto nos permite sugerir uma porcentagem ainda superior.

O Livro Comemorativo ao Centenário da Imigração Alemã em Rio Pardinho (1952) refere que a Federação de Tiro de Santa Cruz promovia festividades anuais com a participação de todos os seus associados, sendo o local decidido por rodízio entre as associações. A primeira festividade ocorreu na sociedade de Santa Cruz em maio de 1900. Salienta-se que, diferentemente dos demais eventos promovidos pelas associações de tiro, o primeiro *Bundesschiessen* da Federação de Santa Cruz¹¹ contou com uma programação de quatro dias, entre sábado e terça-feira, precisando se estender para mais uma segunda-feira (27) (SCHÜTZENBUND..., 05 maio 1900; DAS 1. BUNDESSCHIESSEN, 23 maio 1900). A ampliação de mais um dia denota a importância do evento, que já no primeiro dia da programação contou com uma reunião para estabelecer as ações futuras da Federação. No segundo dia iniciou-se o torneio de Tiro a Prêmio (*Preisshiessen*) e à noite antes do baile, os convidados prestigiaram uma apresentação de teatro. No evento foram escolhidos o Rei e Cavalheiros da Federação daquele ano (SCHÜTZENBUN..., 5 maio 1900; DAS 1. BUNDESSCHIESSEN, 23 maio 1900). Vale mencionar que antes dessa entidade, as associações de ulanos também criaram a sua federação em 1896, no entanto, perdurou por apenas dois anos (KIPPER,

¹¹ A primeira diretoria da Federação de Tiro de Santa Cruz foi composta pelo presidente Friedrich Strohschön, secretário Alfred Kohl, tesoureiro Carlos Kölzel, e assessores Wilhelm Scherer Filho, Ernst Gründling, Luiz Seibert e Wilhelm Kolling. Os sobrenomes e nomes com procedência no idioma alemão são indícios da marcante identidade étnico-cultural da entidade.

1967). Apesar disso, as associações de cavaleiros cresciam numericamente no cenário de Santa Cruz.

Nas primeiras associações voltadas à prática do tiro ao alvo em Santa Cruz, participavam das práticas e competições de tiro somente homens. As associações de mulheres voltadas para a prática do tiro ao alvo, conhecidas como “sociedade de damas” (*Damenschiessklubs* ou *Damen Schützenverein*), foram fundadas no início do século XX (ASSMANN; MAZO, 2013). Todavia, há vestígios da participação das mulheres como praticantes de tiro em associações regidas por homens que antecedem este marco. A primeira notícia da presença de mulheres praticantes de tiro nas associações foi encontrada no jornal *Kolonie* em dezembro de 1894, a respeito de um torneio de tiro para as damas em um evento promovido pela *Deutscher Schützenverein Santa Cruz* no feriado de natal (DEUTSCHER..., 22 dez. 1896). As primeiras sociedades de damas de tiro ao alvo foram fundadas em Santa Cruz do Sul, a saber: Clube Riograndense de Atiradoras, em 1900; Sociedade de Atiradoras Progresso, em 1902; Sociedade de Atiradoras *Tell*, em 1902 (RAMBO, 1999). Com estatutos e regras próprias, elas fundaram aproximadamente 15 associações esportivas de tiro ao alvo exclusivamente para mulheres. Assim como nas sociedades de homens, realizavam competições de melhor pontaria, escolhiam a rainha e as princesas do tiro e ofereciam bailes e festejos às associadas. Através da cobrança de taxas, sustentavam a sociedade e compravam os prêmios distribuídos em competições de tiro (ASSMANN; MAZO, 2013).

No ano de 1901, uma diferente configuração foi noticiada no jornal *Kolonie*, os clubes de caça. Foram encontrados textos sobre o *Jagd-Club Villa Thereza* (JAGD-CLUB..., 29 maio 1901) e o *Jagdklub Santa Cruz* (JAGDKLUB..., 26 jun. 1901), entretanto são publicações isoladas e não encontramos outras informações sobre estes

clubes. Outra organização que aparece no cenário santa-cruzense no período do estudo é a *Kriegerverein Santa Cruz* (Sociedade de Guerreiros Santa Cruz). No entanto, esta associação permanece como uma dúvida quanto à apropriação de práticas esportivas ou não pelos associados. A única referência encontrada sobre a possibilidade de práticas esportivas na *Kriegerverein* é data de agosto de 1899, na divulgação de uma comemoração ao Imperador Wilhelm, da Alemanha, junto à cervejaria de Karl Schütz, onde ocorreria um torneio de tiro e um torneio de lançaria com os ulanos (KRIEGER-VEREIN..., 05 ago. 1899). Contudo, nas demais publicações a respeito desta entidade, não são encontradas menções sobre práticas esportivas. Além disso, junto à cervejaria de Karl Schütz estava localizada a *Schützenverein Santa Cruz* (Sociedade de Atiradores Santa Cruz).

Segundo publicidades encontradas no jornal *Kolonie*, a *Kriegerverein* parece ser uma entidade com finalidade de promover debates sobre temas políticos e sociais. Tal entidade possivelmente era formada por *Brummers*. Esta afirmação é corroborada em um texto de 28 de novembro de 1900, onde a *Kriegerverein* de Santa Cruz confirma a participação em uma comemoração que irá ocorrer em Porto Alegre pelos 50 anos da chegada dos *Brummer* no Rio Grande do Sul (DIE BRUMMER, 28 nov. 1900). Ainda, na publicidade citada e no programa do governo de Santa Cruz em homenagem ao governador Julio Prates de Castilhos, em 1897, os associados da *Kriegerverein* são chamados de veteranos, remetendo a uma representação militar (A HOMENAGEM, 03 jun. 1897).

Na transição do século XIX para o XX, a hegemonia dos atiradores e lanceiros começou a disputar espaço com outras práticas e configurações. No decorrer dos anos e na transformação do tempo e do espaço, surgiram novas associações para práticas

esportivas que paulatinamente ganharam visibilidade na vida social dos santa-cruzenses. No entanto, ao longo do século XIX e início do século XX, as associações de atiradores e cavaleiros/lanceiros, que se distribuíram por muitas picadas e linhas do município, se constituíram enquanto espaços sociais proeminentes, e quase os únicos, na promoção de sociabilidades, distinções e momentos de lazer para santa-cruzenses.

Considerações Finais

Os santa-cruzenses, majoritariamente imigrantes e descendentes de alemães, introduziram práticas esportivas a partir de modelos conhecidos, criando espaços sociais no novo país. De tal modo organizaram, a partir da década de 1860, as associações de tiro ao alvo e cavalaria. Familiarizados com os costumes militares, os atiradores e cavaleiros adequaram velhos hábitos para novos fins e fundaram associações esportivas. Através de eventos e festividades, proporcionavam o exercício e o manejo das armas e momentos de entretenimento e sociabilidade. Nas associações de tiro e cavalaria, os praticantes tinham a oportunidade de desfrutar de momentos organizados de lazer na companhia de indivíduos selecionados pelo próprio grupo.

As práticas esportivas e culturais, associadas a representações paramilitares, eram apropriadas como meios de distinção social. Os uniformes, a realização de desfiles, as estruturas organizacionais, são alguns elementos empregados na diferenciação entre o “nós” e os “outros”. O capital econômico associado à prática também era uma forma de manifestar e legitimar uma posição social.

As práticas esportivas preponderantes no cenário de Santa Cruz do Sul, entre as décadas de 1880 e 1910, sugerem práticas culturais paramilitares que produziam, manipulavam e manifestavam representações, atribuindo sentidos à vida dos santa-

cruzenses a elas relacionados. Nas associações esportivas de atiradores e cavaleiros, as práticas foram apropriadas como meio de sociabilidade, lazer e estratégia para situar e legitimar os indivíduos no espaço social e seus comportamentos.

Cabe destacar que uma limitação do estudo refere-se ao uso preponderante de documentações oficiais, como estatutos e de órgãos publicitários, como o jornal *Kolonie*. Cientes deste entrave, mas também do esforço empírico empregado, buscamos apresentar uma versão dessa trama, dentre tantas outras possíveis, através da interpretação das informações que nos foram possíveis de alcançar pelas fontes coletadas.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. As Schützenvereine – Sociedades de Atiradores – de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. **Esporte e Sociedade**, v. 7, n. 20, set. 2012. Disponível em: <https://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2006.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____; _____. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 24, n. 4, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/20528>. Acesso em: 25 jun. 2016.

_____. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul**: Configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

_____; MAZO, Janice Zarpellon. Configurações de identidades étnicas em associações esportivas: práticas e representações culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 503-516, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/65696>. Acesso em: 15 set. 2017.

AVISO. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 18 nov. 1893.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

BARROS, José D'Assunção. Nova história cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 1º sem. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38> . Acesso em: 25 jul. 2016.

_____. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa CDHIS**, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/15209> . Acesso em: 13 jul. 2016.

BERICHTERSTATTER. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 5 dez. 1891.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CENTENÁRIO da colonização alemã em Rio Pardo. Santa Cruz do Sul: Gráfica Comercial de Binz e Rech, 1952.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAS 1. BUNDESSCHIESSEN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 23 maio 1900.

DAS COLUMBUSFEST. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 15 out. 1892.

DEUTSCHER Schützenverein Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 22 dez. 1896.

DEUTSCHER-Schützenverein Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 9 jun. 1900.

DEUTSCHER Schiessklub. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 1 jan. 1912.

DIE BRUMMER. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 28 nov. 1900.

DUMMER, Celeste *et al.* **Vera Cruz**: tempo, terra e gente. Vera Cruz: LupaGraf, 2009.

EDITAL. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 22 nov. 1891.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

HOLZPICK. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 11 out. 1905.

A HOMENAGEM. **Programa de homenagem a Júlio Prates de Castilhos**. Santa Cruz, 03 jun. 1897.

JAGD-CLUB Villa Thereza. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 29 maio 1901.

JAGDKLUB Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 26 jun. 1901.

KIPPER, Maria Hoppe. A Nacionalização em Santa Cruz do Sul. In: MÜLLER, Telmo L. (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

KIPPER, Maria Hoppe. **Sociedades de cavalaria em área de colonização alemã (Santa Cruz do Sul – RS)**. São Leopoldo: mimeog., 1967.

KORRESPONDENZ. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 23 maio 1891.

_____. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 26 set. 1891.

KREBS, C. G. Ulanos no Brasil. **Revista do Globo**, p. 31-33, 28 abr. 1951.

KRIEGER-VEREIN Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 05 ago. 1899.

LIMA, Sandra Regina. **O papel da mulher nas sociedades de Damas**. 2001. Monografia (Pós-Graduação em História Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

MARTIN, Hardy Elmiro. **Recortes do passado de Santa Cruz**. Organizado e atualizado por Olgario Paulo Vogt e Ana Carla Winsch. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

MARTIN, Hardy Elmiro. **Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia, 1849-1859**. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul, 1979.

MAZO, Janice Zarpellon *et al.* **Associações Esportivas do Rio Grande do Sul (1867-2009): lugares e memórias**. Novo Hamburgo, RS: Editora da FEEVALE, 2012. CD-ROM.

MENEZES, João Bittencourt. **Município de Santa Cruz do Sul**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia Alemã: história e memórias**. Caxias do Sul: EST, 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil (1858-1938)**. 242f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

RADÜNZ, Roberto. A organização cultural dos alemães no Vale do Rio Pardo. *In*: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). **Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

RAMBO, Arthur Blásio. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

RAMOS, Eloísa. **O teatro da sociabilidade**: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras – São Leopoldo 1858-1930. 2000. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RIOPARDINHO. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 23 ago. 1893.

_____. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 06 jun. 1894.

O SANTA CRUZER fröhlichkeit!. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 22 nov. 1893.

SCHÜTZENHÜTE. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 10 dez. 1892.

SCHÜTZENBUND Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 22 nov. 1899.

_____ – Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 5 maio 1900.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim**: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. Concessão de terras, dívida colonial e mobilidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 29-58, 1996.

SILVA, Carolina Fernandes; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/48215>. Acesso em: 17 jul. 2016.

SILVA, Carolina Fernandes; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012. Disponível em: http://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev15n02_a3.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.

SINIMBU. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 27 ago. 1892.

_____. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 14 abr. 1894.

STATISTIK. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 19 set. 1891.

STATUTEN des Deutsch-Brasilianischen Schützen-Vereins Linha Santa Cruz. **Estatuto**, [1910].

STATUTEN Deustchbrasilianische Schützenclubs Sinimbu. **Estatuto**, 1913.

ULANEN-KLUB-Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 12 fev. 1896.

UNSERE ULANEN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 10 jan. 1891.

VILLA THEREZA. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 12 jan. 1895.

VOGT, Olgário Paulo. Imperialismo: a face oculta do germanismo. **Revista Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2 p. 49-92, jul. dez. 2001.

_____. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

VOM 6. BIS zum 10. November. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 13 ago. 1892.

WEBER, Regina; BOSEMBECKER, Patrícia. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. **Cadernos do CEOM (UNOESC)**, v. 23, p. 347-369, 2010. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/683> . Acesso em: 11 ago. 2016.

_____. A “vida social”. In: WEBER, Regina. **Os Operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: Editora da UNIJUI, 2002.

WESCHENFELDER, Greyce. **A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Endereço das Autoras:

Alice Beatriz Assman

Av. Bento Gonçalves, n. 1515, Torre D, apto. 1310 – Bairro Santo Antônio
Porto Alegre – RS – 90.660-900

Endereço Eletrônico: alice.assmann@gmail.com

Rafaela Bertoldi

Rua Santana, n. 1397, apto 606 – Bairro Santana
Porto Alegre – RS – 90.403-730

Endereço Eletrônico: rafaelapsicologia@hotmail.com

Janice Zarpellon Mazo

Av. Lucas de Oliveira, n. 2507, apto. 402 – Bairro Petrópolis
Porto Alegre – RS – 90.460-001

Endereço Eletrônico: janice.mazo@ufrgs.br